

Landesbibliothek Oldenburg

Digitalisierung von Drucken

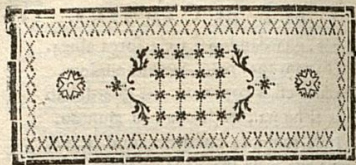
Obras De Luis de Camoens

Camões, Luis de

Paris, 1759

Elegias De Luis De Camoens.

urn:nbn:de:gbv:45:1-2655



ELEGIAS
D E
LUIS DE CAMOENS.

ELEGIA I.

O POETA Simonides fallando
Co capitão Temistocles hum dia ,
Em cousas de sciencia praticando ,
Huma arte singular lhe prometia ,
Que então compunha , com que lhe ensinasse
A se lembrar de tudo , o que fazia.
Onde tam sutis regras lhe mostrasse ,
Que nunca lhe passasse da memoria ,
Em nenhum tempo as cousas , que passasse :
Bem merecia certo Fama , & gloria ,
Que dava regra contra o esquecimento ,
Que enterra em si qualquer antiga historia.

ELEGIAS DE L. DE CAMOENS. 319

Mas o capitão claro, cujo intento
 Bem differente estava, porque havia
 As passadas lembranças por tormento.

O' illustre Simonides, dizia,
 Pois tanto em teu engenho te confias,
 Que mostras à memoria nõva via;
 Se me desstes huma arte, que em meus dias
 Me nam lembrasse nada do passado,
 Oh quanto melhor obra me farias!

Se este excellente dito ponderado
 Fosse, por quem se visse estar ausente,
 Em longas esperanças degradado;
 Oh como brádaria justamente,
 Simonides, inventa nõvas artes,
 Nam messas o passado co presente!

Que se he forçado andar por varias partes,
 Buscando à vida algum descanso honesto,
 Que tu Fortuna injusta, mal repartes;

E se o duro trabalho he manifesto,
 Que por grave que seja ha de passar-se,
 Com animoso espirito, ledo gesto,

De que serve às pessoas alembrar-se
 Do que se passou já, pois tudo passa,
 Senam de entristecer-se, & magoar-se?

Se n'outro corpo huma alma se traspassa,
 Nam como quiz Pythagoras na morte,
 Mas como manda amor na vida escassa

E se este amor no mundo està de sorte,
 Que na virtude sò de hum lindo objecto,
 Tem hum corpo sem alma vivo, & forte,

Onde este objecto falta , que he defecto
 Tamanhõ para a vida , que jã nella ,
 Me estã chamando à pena a dura Aleto;
 Porque me nam criãra minha estrella ,
 Selvatico no mundo , & habitante
 Na dura Scythia , ou na aspereza della ?

Ou no Caucaço horrendo tenro infante ,
 Criado ao peito de huma tygre Hyrcana ,
 Homem fora formado de diamante.

Porque a cerviz ferina , & inhumana ,
 Nam fometera ao jugo , & dura ley ,
 Daquelle , que dà vida , quando engana ,
 Ou em pago das agoas , que estilei ,
 As que do mar passei foraõ de Lethe ,
 Para que me esquecèra ; o que passei ,
 Que o bem , que a esperança van promete ,
 Ou a morte o estorva , ou a mudança.

Que he mal , q̃ hũa alma em lagrimas detrete.
 Jã senhor cahirà como a lembrança
 No mal do bem passado he triste , & dura ,
 Pois nacé adonde morre a esperança ,
 E se quizer saber como se apura

N'uma alma saudosa , nem se enfade
 De ler tam lõnga , & misera escriptura.

Soltava Eolo a redea & liberdade
 Ao mãso Favonio brandamente ,
 E eu jã a tinhã solta à saudade.

Neptuno tinha posto seu Tridente
 A proa a branca escuma dividia ,
 Com a gente maritima contente.

O Coro das Nereidas nos seguia ,
 Os ventos namorada Galathea
 Configo sossegados os movia.

Das argenteas conchinhas Panopea ,
 Andava pelo mar fazendo molhos ,
 Melanto , Dinamene , com Legea.

Eu trazendo lembranças por antolhos ,
 Trazia os olhos na agoa sossegada ,
 E a agoa sem sossego nos meus olhos.

A bemaventurança já passada ,
 Diante de mi tinha tam presente ,
 Como senam mudasse o tempo nada.

E com o gesto immòto , & descontente
 Cum suspiro profundo , & mal ouvido ,
 Por nam mostrar meu mal a toda a gente ;

Dizia , ò claras Ninfas , se o sentido
 Em puco amor tivestes , & inda agora
 Dã memoria o nam tendes esquecido ;

Se por ventura fordes algum hora ,
 Aonde entra o graõ Tejo dar tributo
 A Thetis , que vòs tendes por senhora ;

Ou por verdes o prado verde enxuto ,
 Ou por colherdes ouro rutilante ,
 Das Tagicas arêas rico fruto.

Nellas em verso heroico , & elegante ,
 Escrevei numa concha , o que em mi vistes ,
 Pòde ser que algum peito se quebrante ,

E contando de mi memorias tristes ,
 Os pastores do Tejo , que me ouvião ,
 Oução de vòs as magoas , que me ouvistes.

Ellas, que já no gèsto me entendião,
 Nos meneos das ondas me mostravão,
 Que em quanto lhe pedia consentiào.

Estas lembranças, que me acompanhavão,
 Por tranquillidade da bonança,

Nem na tormenta grave me deixavão:

Porque chegando ao Cabo da Esperança
 Começo da faudade, que renova,
 Lembrando a longa, & aspera mudança:

Debaixo estando já da estrella nova,
 Que no novo Emisferio resplandece;
 Dando do segundo axe certa prova;

Eis a noite com nuves se escurece,
 Do ar subitamente foge o dia,
 E o largo Oceano se embravece;

A machina do mundo parecia,
 Que em tormenta se vinha desfazendo,
 Em ferras todo o mar se convertia.

Lutando Boreas fero, & Noto horrendo,
 Sonoras tempestades levantavão,
 Das naos as vellas concavas rompendo.

As cordas co ruído affoviavão,
 Os marinheiros já desesperados,
 Com gritos para o Ceo o ar coalhavão.

Os rayos por Vulcano fabricados,
 Vibrava o fero, & aspero Tonante,
 Tremendo os Polos ambos de affombrados.

Alli amor mostrandose possante,
 E que por nenhum medo nam fugia,
 Mas quanto mais trabalho, mais constante.

Vendo a morte diante , em mi dizia ,
 Se alguma hora , senhora , vos lembrasse ,
 Nada do que passei me lembraria.

Emfim nunca houve causa , que mudasse
 O firme amor intrinseco daquelle ,
 Cujo peito huma vez de si se entrasse.

Huma cousa , senhor , por certo asselle ,
 Que nunca amor se affina , nem se apura
 Em quanto está presente a causa delle.

Desta arte me chegou minha ventura ,
 A esta desejada , & longa terra ,
 De todo o pobre honrado sepultura.

Vi quanta vaidade em nós se encerra ,
 E dos proprios quam pouca , contra quem
 Foi logo necessario termos guerra.

Que huma Ilha , que o Rey de Porcã tem ,
 Que o Rey da Pimenta lhe tomara ,
 Fomos tomarlha , & succedeonos bem.

Com huma armada grossa , que ajuntara
 O Visorrey , de Goa nos partimos
 Com toda a gente d'armas , que se achara ,
 E com pouco trabalho destruimos
 A gente no curvo arco exercitada ,
 Com mortes , com incendios os punimos.

Era a Ilha com agoas alagada ,
 De modo , que se andava em almadias ;
 Em fim outra Veneza trasladada.

Nella nos detivemos sòs dous dias ,
 Que forão para alguns os derradeiros ,
 Que passarão de Styge as agoas frias.

Que estes são os remedios verdadeiros,
Que para a vida estão aparelhados,
Aos que a querem ter por cavaleiros.

Oh lavradores bemaventurados,
Se conhecessem seu contentamento,
Como vivem no campo foflegados!

Dálhes a justa terra o mantimento,
Dálhes a fonte clara a agoa pura,
Mungem suas ovelhas cento a cento.

Nam vem o mar irado, a noite escura,
Por ir buscar a pedra do Oriente,
Nam temem o furor da guerra dura.

Vive hum com suas arvores contente,
Sem lhe quebrar o sono foflegado
Algum cuidado do ouro reluzente.

Se lhe falta o vestido perfumado,
E da fermosa cor de Assyria tinto,
E dos torçais Atalicos lavrado:

Senam tem as dilicias de Corintho,
E se de Pario os marmores lhe faltão,
O Piropo, a Esmeralda, & o Jacinto.

Se suas casas d'ouro nam se esmaltão,
Esmalta felhe o campo de mil flores,
Onde os cabritos seus comendo saltão.

Alli amostra o campo varias cores,
Vemse ramos pender co fruto ameno,
Alli se affina o canto dos pastores.

Alli cantàra Titiro, & Sileno,
Emfim por estas partes caminhou
A san justiça para o Cco sereno,

Ditose

Ditoso seja aquelle , que alcançou
Foder viver na doce companhia
Das mansas ovelhinhas , que criou.

Este bem facilmente alcançaria
As causas naturaes de toda a cousa ,
Como se gera a chuva , & neve fria :

Os trabalhos do Sol , que nam repoufa ,
E porque nos dà a Lua a luz alhea ,
Se tolhernos de Febo os rayos oufa.

E como tam depressa o Ceo rodèa ,
E como hum sò os outros traz consigo ,
E se he benigna , ou dura Cytherea.

Bem mal pôde entender isto que digo ,
Quem ha de andar seguindo o fero Marte ,
Que traz os olhos sempre em seu perigo.

Porèm seja , senhor , de qualquer arte ,
Que posto , que a Fortuna possa tanto ,
Que tam longe de todo o bem me aparte ,

Nam poderá apartar meu duro canto
Desta obrigação sua , em quanto a morte
Me nam entrega ao duro Radamanto ,
Se para tristes ha tam lèda sorte.

ELEGIA II.

AQUELLA , que de amor descomedido ,
Pelo fermoso moço se perdeu ,
Que sò por si de amores foi perdido ;
Despois que a Deosa em pedra a converteo ,
De seu humano gesto verdadeiro ,
A ultima voz sò lhe concedeo.

Tom. II,

E e



Assi meu mal do proprio ser primeiro,
 Outra cousa nenhuma me consente,
 Que este canto, que escrevo derradeiro:
 E se ainda alguma vida estando ausente,
 Me deixa amor, he porque o pensamento
 Sinta a perda do bem de estar presente.

Senhor, se vos espanta o sentimento,
 Que tenho em tanto mal para escrevelo,
 Furto este breve tempo a meu tormento:

Porque quem tem poder para soffelo,
 Sem se acabar a vida co cuidado,
 Tambem tera poder para dizelo.

Nem eu escrevo mal tam costumado,
 Mas n'alma minha triste, & saudosa,
 A saudade escreve, & eu traslado,

Ando gastando a vida trabalhosa,
 Espalhando a continua saudade,
 Ao longo de huma praya saudosa.

Vejo do mar a instabilidade,
 Como com seu ruído impetuoso,
 Retumba na mayor concavidade;

E com sua branca escuma furioso,
 Na terra a seu pesar lhe está tomando
 Lugar onde se estenda cavernoso.

Ella como mais fraca lhe está dando
 As concavas entranhas, onde esteja
 Suas salgadas ondas espalhando,

A todas estas cousas tenho inveja
 Tamanha, que nam sei determinarne,
 Por mais determinado que me veja.

Se quero em tanto mal desesperarme,
 Nam posso, porque amor & saudade
 Nem licença me dão para matarme.

A's vezes cuido em mim se a novidade,
 E estranheza das cousas co a mudança,
 Se poderão mudar huma vontade,

E com isto afiguro na lembrança
 A nõva terra, o novo trato humano,
 A estrangeira gente, & estranha usança.

Subome ao monte, que Hercules Thebano,
 Do altissimo Calpe dividio,
 Dando caminho ao mar Mediterraneo.

Dalli estou tenteando aonde vio
 O pomar das Hesperidas, matando
 A sepe, que a seu passo resistio.

Em outra parte estou afigurando
 O poderoso Antheo, que derrubado
 Mais força se lhe estava acrescentando.

Mas dos Herculos braços sogigado,
 No ar deixou a vida, nam podendo
 Da madre Terra já ser ajudado;

E nem com isso em fim, que estou dizendo,
 Nem com as armas tam continuadas,
 De lembranças passadas me defendo.

Todas as cousas vejo demudadas,
 Porque o tempo ligeiro nam consente,
 Que estejaõ de firmeza acompanhadas.

Vi já que a Primavera de contente
 De mil cores alegres revestia
 O monte, o rio, o campo alegremente:

E c ij



Vi já das altas aves a harmonia ,
 Que atè aos montes duros convidava ,
 A hum modo suave de alegria.

Vi já que tudo em fim me contentava ;
 E que de muito cheyo de firmeza ,
 Hum mal por mil prazeres nam trocava.

Tal me tem a mudança & estranheza ,
 Que se vou pellos campos , a verdura
 Parece que se seca de tristeza.

Mais isto he já costume da ventura ;
 Que aos olhos , que vivem descontentes ,
 Descontente o prazer se lhe afigura.

Oh graves & insufriveis accidentes
 De Fortuna & de Amor , que penitencia
 Tam grave dais aos peitos innocentes !

Nam basta experimentarme a paciencia ,
 Com temores , & falsas esperanças ,
 Sem q̄ tambem me atente o mal de ausencia ?

Trazeis a hum brando animo em mudanças
 Para que nunca possa ser mudado ,
 De lagrimas , suspiros , & lembranças.

E se estiver ao mal acoftumado ,
 Tambem no mal nam consentis firmeza ,
 Para que nunca viva descansado.

Vivia eu soffegado na tristeza ,
 E alli nam me faltava hum brando engano ,
 Que tirasse os defejos da fraqueza :

E vendome enganado estat ufano ,
 Deo à roda Fortuna , & deo comigo ,
 Oude de novo choro o novo dana.

Já deve de bastar , o que aqui digo ,
 Para dar a entender o mais , que callo ,
 A quem já vio tam aspero perigo .

E se nos bravos peitos faz aballo ,
 Hum peito magoado , & descontente ,
 Que obriga , a quem o ouve , a confortallo .

Nam quero mais , senam que largamente ,
 Senhor , me mandeis novas dessa terra ,
 Ao menos poderei viver contente .

Porque se o duro Fado me desterra ,
 Tanto tempo do bem , que o fraco espirito
 Desempare a prisaõ , onde se encerra ,

Ao som das negras agoas do Cocito ,
 Ao pè dos carregados arvoredos ,
 Cantarei , o que n'alma tenho escrito .

E por entre esses horridos penedos ,
 A quem negou natura o claro dia ,
 Entte tormentos asperos , & medos :

Com a tremula voz cansada , & fria ,
 Celebrarei o gèsto claro , & puro ,
 Que nunca perderei da fantasia ;

E o musico de Thracia já seguro
 De perder sua Eurydice tangendo ,
 Me ajudará ferindo o ar escuro .

As namoradas sombras revolvendo
 Memorias do passado me ouvirão ,
 E com seu choro o rio irá crescendo .

Em Salmoneo , as penas faltarão ,
 E das filhas de Belo juntamente ,
 De lagrimas os vasos se encherão .

E c iij

Que se amor nam se perde em vida ausente,
 Menos se perderà por morte escura,
 Porque em fim a alma vive eternamente,
 E amor he effeito d'alma, & sempre dura.

ELEGIA III.

O SULMONENSE Ovidio desterrado
 Na aspreza do Ponto, imaginando
 Verse de seus parentes apartado:
 Sua cara mulher defemparando,
 Seus doces filhos, seu contentamento,
 De sua patria os olhos apartando:
 Nam podendo encubrir o sentimento,
 Aos montes & às agoas se queixava
 De seu escuro, & triste nascimento.
 O curso das estrellas contemplava,
 E como por sua ordem discurria
 O Ceo, o Ar, & a Terra adonde estava.
 Os peixes pelo mar nadando via,
 As feras pelo monte, procedendo
 Como seu natural lhes permitia.
 De suas fontes via estar nascendo
 Os saudosos rios de cristal,
 A' sua natureza obedecendo.
 Assim sò de seu proprio natural,
 Apartado se via em terra estranha,
 A cuja triste dor nam acha igual.
 Sò sua doce Musa o acompanha,
 Nos versos saudosos, que escrevia,
 E choro, com que alli o campo banha,

Desta arte me afigura a fantasia ,
 A vida , com que vivo desterrado
 Do bem , que n'outro tempo possuhia ,
 Alli contemplo o gosto já passado ,
 Que nunca passará pela memoria ,
 De quam o tem na mente debuxado.

Alli vejo a caducæ & debil gloria ,
 Desenganar meu erro co a mudança ,
 Que faz a fragil vida transitoria ;

Alli me representa esta lembrança ,
 Quam pouca culpa tenho , & me entristece ,
 Ver sem razão a pena , que me alcança.

Que a pena , que com causa se padece ,
 A causa tira ao sentimento della ,
 Mas muito doe , a que se nam merece.

Quando a roxa manhaã fermosa , & bella
 Abre as portas ao Sol , & cae o orvalho ,
 E torna a seus queixumes Filomela ;

Este cuidado , que co sono atalho ,
 Em sonhos me parece , que , o que a gente ,
 Por seu descanso tem , me dà trabalho :

E despois de acordado cegamente
 (Ou por melhor dizer defacordado ,
 Que pouco acordo tem hum descontente)

Dalli me vou com passo carregado ,
 A hum outeiro erguido , & alli me assento,
 Soltando a redea toda a meu cuidado.

Despois de farto já de meu tormento ,
 Dalli estendo os olhos saudosos
 A parte aonde tinha o pensamento.



Nam vejo senam montes pedregosos,
E os campos sem graça & secos vejo,
Que já floridos vira, & graciosos.

Vejo o puro, suave, & brando Tejo,
Com as concavas barcas, que nadando
Vão pondo em doce effeito seu desejo.

Humas co brando vento navegando,
Outras cos leves remos brandamente
As cristalinas agoas apartando.

Dalli fallo co a agoa, que nam sente,
Com cujo nascimento a alma fae
Em lagrimas desfeita claramente

Oh fugitivas ondas esperai,
Que pois me nam levais em companhia,
Ao menos estas lagrimas levai.

Atè que venha aquelle alegre dia,
Que eu vâ onde vos his, contente, & ledo:
Mas tanto tempo, quem o passaria!

Nam pôde tanto bem chegar tam cedo,
Porque primeiro a vida acabará,
Que se acabe tam aspero degredo.

Mas esta triste morte, que virà,
Se em tam contrario estado me acabasse,
A alma impaciente, adonde irá?

Que se às portas Tartareas chegasse,
Temo, que tanto mal pela memoria,
Nem ao passar do Lethe, lhe passasse.

Que se à Tântalo, & Tycio for notoria
A pena, com que vai, que atormenta,
A pena, que lâ tem, terão por gloria.

Esta imaginação sò me acrescenta
Mil magoas no sentido, porque a vida
De imaginaçoens tristes se sustenta.

Que pois de todo vive consumida,
Porque o mal, que possue, se refuma
Imagina na gloria possuída.

Atè que a noite eterna me consuma,
Ou veja aquelle dia desejado,
Em que Fortuna faça, o que costuma,
Se n'ella habi mudar hum triste estado.

ELEGIA IV.

A PAIXAM DE CHRISTO
NOSSO SENHOR.

SE quando contemplamos as secretas
Causas, porque o mundo se sustenta,
O revolver dos Ceos, & dos Planetas;
E se quando à memoria se apresenta
Este curso do Sol, que he taõ medido,
Que hum ponto sò não mingua, nê se augméta
Aquelle effeito tarde conhecido,
Da Lúa, em ser mudavel, tam constante,
Que minguar, & crescer he seu partido;
Aquella natureza tam possante
Dos Ceos, que tam conformes, & contrarios
Caminhão, sem parar hum breve instante;
Aquelles movimentos ordinarios,
A que responde o tempo, que não mente,
Cos effeitos da terra necessarios;

Se quando emfim revolve futilmente
Tantas causas a leve fantasia,
Sagaz, eſcrutadora, & diligente;

Vê bem (ſe da razão ſe não desvia)
O Altiffimo ſer, puro, & divino,
Que tudo pôde, manda, move, & cria.

Sem fim, & ſem começo, hum ſer contino,
Hum padre grande, a quem tudo he poſſivel,
Por mais arduo que ſeja ao homem indino,

Hum ſaber infinito incomprehenſivel,
Hũa verdade, que nas couſas anda,
Que mora no viſivel, & inviſivel?

Eſta potencia em fim, que tudo manda,
Eſta cauſa das cauſas, reveſtida
Foy deſta noſſa carne miſeranda.

Do Amor, & da Juſtiça, compellida
Polos erros da gente, em mãos da gente,
Como ſe Deos não foſſe, perde a vida.

O' Chriſtão deſcuydado & negligente,
Pondera iſto, que digo, repouſado,
Não paſſes por aqui tam levemente.

Não, que aquelle Deos alto, & increado,
Senhor das couſas todas, que fundou
O Ceo, a terra, o fogo, & o mar irado;

Não do confuſo Caos, como cuidou
A falta Theologia, & povo eſcuro,
Que neſta ſó verdade tanto errou:

Não dos atomos falſos de Epicuro;
NÃO DO largo Occano como Tales,
Mas sò do pensamento caſto, & puro.

Olha, animal humano, quanto vales,
Que por ti este grande Deos padece
Novo modo de morte, novos males.

Olha, que o Sol no Olympto se escurece,
Naõ por oppozição d'outro Planeta,
Mas sô por que virtude lhe falece.

Naõ ves, que a grande machina inquieta
Do mundo se desfaz toda em tristeza,
E naõ por natural causa secreta?

Naõ ves, como se perde a natureza,
O ar se turba, o mar batendo geme,
Desfazendo das pedras a dureza?

Naõ ves, que os montes caõ? a terra treme?
E que até na remota & grande Athenas,
O fabio Dionysio sente, & teme?

O' summo Deos, tu mesmo te condenas
Pelo mal, em que eu sô sou taõ culpado,
A tamanhas afrontas, tantas penas!

Por mim, senhor, no mundo reputado
Por falso, & por quebrantador da Ley,
A fama a ti se poem de meu peccado.

Eu, senhor, sou ladraõ, tu summo Rey,
Eu sô furtey, tu com ladroens padeces,
A pena a ti se dá, do que eu pequey.

Eu seruo sem valor, tu summo preço,
Em preço vil te poens por me tirares
Do cativo eterno, que mereço.

Eu por perder te, & tu por me ganhares
Te das aos homens baixos, que te vendem
Sô para os homens presos resgatares.

A ti , que as almas sôltas , a ti prendem ,
 A ti , summo Juiz , ante Juizes ,
 Te accusão , polo error dos que te offendem .

Chamaôte malfeitor , não contradizes ,
 Sendo tu dos Prophetas a certeza ,
 Dizem , que quem te fere , prophetizes .

Rimse de ti ; tu choras a crueza
 Que sobre elles virâ . A gente dura ,
 Por quem tu vens ao mundo , te despreza .

O teu rosto , de cuja fermosura
 Se veste o Ceo , & o Sol resplandecente ,
 Diante de quem muda està a Natura ;

Com cruas bofetadas da vil gente .
 De precioso sangue està banhado ,
 Cuspido , arrellado cruelmente ?

Aquelle corpo tenro & delicado ,
 Sobre todos os Santos Sacrosanto ,
 De açoutes rigurosos flagellado !

Despois cuberto mal de hum pobre manto ,
 Que se pegava às carnes magoadas ,
 Para dobrarlhe as dores outro tanto !

Magoavãono as chagas não curadas ,
 Hum tormento causandolhe , excessivo ,
 Ao despir pelas mãos crueis & iradas .

As santíssimas barbas de Deos vivo ,
 De resplendor ornadas , lhe arrancavão ,
 Para desempenhar Adaõ captivo .

Com cordas pelas ruas o levavão ,
 Levando sobre os hombros o Tropheo
 Das vitorias , que as almas alcançavão .

O' tu ,

O' tu, que passas, homem Cyrineo,
Ajuda hum pouco este Homem verdadeiro,
Que agora como humano enfraqueceo.

Olha, que o corpo affito de marteiro,
E dos longos jejús debilitado,
Naõ pôde já co peso do madeiro.

O' naõ enfraqueçais, Deos encarnado,
Essas quedas, que tanto vos magoão,
Sopportay Cavalleiro sublimado.

Que aquellas altas vozes, que lá soão,
Dos Padres saõ, que estaõ no Limbo escuro,
Que já de Louro & Palma vos coroaõ.

Todos vos bradão, que subais ao muro
Da Cidade infernal, & que arvoreis
Encima essa bandeira muy seguro.

O' Santos Padres, naõ vos appresseis,
Que muito mais a Deos, que à vós custaráo
Essas duras prisoens, em que jazeis.

Aquellas mãos, que o mundo edificarão,
Aquelles pés, que pisão as Estrellas,
Com duríffimos prègos se engravarão.

Mas qual ferâ a pefsoa, que as querellas
D'angustiada Virgem contemplasse,
Que não se mova à dõr, & à magoa d'ellas?

E que dos olhos seus não estillasse
Tanta copia de lagrimas ardentess,
Que carreiras no rostõ assinalasse?

Oh quem lhe vira os olhos refulgentes
Desfazêndose em lagrimas, regando
Aquellas bellas faces excellentes!



Quem a vira cos gritos ir tocando
As estrellas , a quem responde o Ceo ,
Cos accentos dos Anjos retumbando !

Quem vira quando o claro rosto erguro
A ver o Filho , que na Cruz pendia ,
Donde a nossa saude descendeo !

Que magoas tam saudosas , que diria ,
Que palavras tam miseras , & tristes
Para o Ceo , para a gente espalharia !

Pois que feria , Virgem , quando vistes
Com fel nojoso , & com vinagre amaro ,
Matar a fede ao Filho , que paristes ?

Não era este o licor suave , & claro ,
Que para o confortar , então darieis
A quem vos era , mais que a vida , charo .

Como , Virgem Senhora , não corrieis
A dar as tetas puras ao Cordeiro ,
Que padecer na Cruz com fede vieis ?

Não sô era esse , Senhora , o verdadeiro
Porto , que vosso filho desejava ,
Morrendo pelo mundo n'hum madeiro .

Mas a salvação sô , que alli ganhava
Para o misero Adão , que alli bebia
Na fonte , que do peito lhe manava .

Pois , ò pura , & santissima Maria ,
Que em fim sentistes esta magoa , quanto
A gravidade della o requeria ,

D'essa fonte sagrada , & peito santo
Me alcançai hũa gota , com que lave
A culpa , que me agrava , & pesa tanto .

Do licor salutifero, & suave
 Me abrangey, com que mate a sede dura
 D'elic mundo tão cego, torpe & grave.

Assi, Senhora, toda a criatura,
 Que vive, & vivirá, que não conhece
 A ley do vosso Filho, santa & pura;

O falsissimo hereje, que carece
 Da graça, & com danado & falso sprito
 Perturba a santa Igreja, que florece,

O povo pertinaz no antigo rito,
 Que só o desterro feu, que tanto dura,
 Lhe diz, que he pena igual ao seu delito.

O torpe Ismaelita, que mistura
 As leys, & com preceitos viciosos
 Na terra estende a feita falsa impura;

O idolatras maos superficiosos.
 Varios de opinioens, & de costume
 Levades de conceitos fabulosos.

As mais remotas gentes, onde o lume
 Da nossa Fè não chega, nem, que tenham
 Religião algũa se presume:

Assi todos em fim, Senhora, venhão,
 Confessar hum só Deos crucificado,
 E por nenhum respeito se detenhão.

Mas de todos o vicio já passado,
 O seu nome co. vosso neste dia,
 Seja por todo mundo celebrado,
 E respondão os Ceos, J E S U S, M A R I A.



ELEGIA V.

AO DOUTOR MESTRE BELCHIOR.

*Em louvor de sua filha Dona MARIA DE
FIGUEIROA, na India em Damão.*

SE obrigaçoens de fama podem tanto,
Que inda de Helena vive hoje a memoria,
Fazendo cada vez mayor espanto;
Se tambem de Lucrecia a Livia historia,
Inda que já passada, cá florece,
E por fama, & triumpho hoje tem gloria;
Se a perfeição de Laura nunca esquece,
Tambem he que por fama laureada,
Nos ficou por Petrarca, & hoje crece;
E se aquella cruel Troyana espada,
Deo com a morte vida à fermosura
De Dido, por Virgilio celebrada:
E se Venus fermosa, hoje segura
Se apresenta em mil versos, & Diana
Com as nove Irmãs d'Apollo tem ventura,
Que fará a fermosura soberana
De Figueiroa illustre, de quem quero
Cantar com doce Lira, & Mantuana?
Mas se me ella não falta, della espero
Cantar, não destas já, que já acabarão;
Destas cante Virgilio, cante Homero:
Que se outras com seus versos celebrarão,
Foy, que por sua idade, a desta dama
(Por inda estar no Ceo) não na alçarão:

Mas tinhalhe a ventura Oriental cama,
Guardada lâ em Damão, por que nacendo,
Perder fizesse às outras gloria & fama.

E em quanto alegre declarar pretendo;
Vòs Pay de tal thefouro, daine ouvidos,
Para delle dizer, mais do que entendo.

Não reproveis meus versos d'atrevidos,
Antes dailhe louvor, para que sejam
De tal dama, & de vòs favorecidos:

Que milagres d'amor, farei que vejão?
Ditei os olhos belios, boca, & rizo,
Mil partes, que outras damas ter deseção.

Cabellos d'ouro, emfim seu grande avizo,
Sua arte, perfeição, & fermosura,
Que na terra nos mostra hum Parayso?

Que mais? o grave aspeito, & a brandura,
A boca de rubis, chea de perlas,
Das crystalinas mãos a neve pura?

Senhora Dona Maria, entre as mais bellas,
Vòs fois, quem nossa idade hoje enriquece,
E entre ellas fois qual sol entre as Estrellas.

Por vòs Damão, Senhora, hoje florece,
Por vòs as Musas já do sacro monte,
Donde contino o Louro verde crece,

Vos vem apresentar, da clara fonte,
De pallidas violas coroadas,
Aspegaseas flores de Eliconte.

A vòs se vem cantando rodeadas
Das Ninphas: que o dourado Tejo cria,
Com suas doces Liras temperadas.



E com feu suave canto , & melodia ,
 Chegadas a vòs já dizem cantando ,
 Esta he por quem Apollo emmudecia.

Esta he , por quem Vertuno desprezando
 Pomona , de contino se abrafava ,
 Na menos parte sua imaginando.

Esta he por quem em fonte se tornava
 O avô de Phaetonte , & porque Orpheo
 As furias infernais aquebrantava ;

Esta he , por quem sô Troya se perdeo ;
 Esta he , a quem Paris deo a maçaã d'ouro ,
 E esta por quem Orlando endoudeceo.

Esta he , quem desdo Ganges até o Douro ,
 Sô sem falta compoz a natureza ,
 Do Indico Oriental todo o thesouro ;

Esta he , quem trouxe a luz toda à nobreza
 Dos de Liaõ Fajardos , que descende
 Do Real tronco Ingrez , na môr alteza.

Esta he a flor do Lago , que se estende ,
 E em quem do novo nace a Real planta ,
 Esta he , a quem o mesmo Amor se rende ,

Esta he , por quem a Aurora se levanta ,
 Na parte Oriental , mais clara , & pura ,
 Esta he , por quem morrendo o Cisne canta.

Esta he , por quem nos dotou sô a ventura ,
 De mil primores chea colocada ,
 Em rara perfeição de fermosura.

Esta serà de nòs sempre cantada ,
 E dos novos Poetas mil louvores
 Terà com fama eterna , & sublimada.

Na festa de Deos Pan cem mil pastores
 Desta felice terra a ti cantando ,
 Mil ramos levaraõ cheos de flores.

Ati as suas lutas dedicando ,
 Seus jogos pastoris de cem mil partes ,
 Com versos te estaraõ sempre louvando.

E tu , que de teu ser nunca te partes
 Com fermosura , & graça de contino ,
 Com que por fama ao mundo te repartes,
 Com rosto branco , alegre , & peregrino
 Accitaràs seus versos , coroadada
 De rosas , & de louro ati sò dino.

Dali do nosso choro venerada
 Teràs cargo da selva de Diana ,
 E entre nós tu seràs mais estimada.

Dali , ô alta Dea & soberana
 Governaràs o Indico Oriente ,
 E todo Estado alem da Taprobana.

Dali correndo irà de gente em gente
 Tua fama , fazendo esquecida
 A das antigas Damas do Occidente ,
 Ganhando teu louvor immortal vida.



ELEGIA VI.

*A' morte de D. MIGUEL DE MENESES,
filho de Dom Henrique de Meneses,
Governador da Casa do Civel, que morreu
na India.*

QUE novas tristes são, que novo dano!
Que mal inopinado incerto soa,
Tingindo de temor o vulto humano?

Que, vejo as prayas humidas de Goa
Ferver com gente attonita, & torvada
Do rumor, que de boca em boca soa.

He morto Dom Miguel, ah crua espada,
E parte da lustrosa companhia,
Que se embarcou na alegre, & triste armada;
E de espingarda ardente, & lança fria
Passado pello torpe, & iniquo braço,
Que nossas altas famas injuria.

Não lhe valeo rodêla, ou peito de aço,
Nem animo de Avòs altos herdado,
Com que se defendeo tamanho espaço.

Não terse em derredor todo cercado
De corpos de inimigos, que exhalavão
A negra alma de corpo transpassado.

Não com palavras fortes, que voavão
A animar os incertos companheiros,
Que fortes caem, & timidos viravão.

Mas ja postos nos termos derradeiros,
Passados por mil partes, & cortados
Os membros sô do nobre esforço incertos.

Os olhos de furor acompanhados,
Que inda na morte as vidas amedrentão
Dos fracos inimigos espantados.

Postos no Ceo, parece que apresentão
A pura alma à Suprema Eternidade,
Por quem os Ceos, & terra se sustentão.

E pedindo dos erros, que na idade
Verde, & quasi innocente, ja fazia,
Perdão á pia & justa Magestade:

As rosas apartou da neve fria,
E como flama fraca, a quem fallece
Seu humido licor, de que vivia:

Nas mãos do choro Angelical, que dece,
Se entrega, & vai gozar da vida eterna,
Que com tão justa morte se merece.

Vaite alma em paz à gloria sempiterna,
Vai, que quem pella Ley santa & divina
Morre, a dá à Deos, que os Ceos governa.

Quando pella razão devida, & dina
Do Rey, da Patria, & honra dos passados
Sacrificar a vida nos ensina.

Nos assentos de estrellas esmaltados
Lhe dá lugar a altissima Clemencia
Entre os Heroes à gloria destinados.

Mas ah, quem fosterá perpetua ausencia
De tão charo Senhor, tão fido amigo!
Quem porá contra magoas resistencia!

Aquelle animo grande, que do antigo
De seus mayores era alto retrato,
Desprezador de todo o vil perigo.



Misturado com doce, & brando trato
 Cos iguaes juntamente, & cos menores
 A todos amoroso, a todos grato.

Aquelle espirito nobre, onde mayores
 Esperanças crecção, se o tão duro
 Caso, as não cortara em novas flores!

Em verde idade, siso ja maduro,
 Alegre riso, ledo, & aberto peito,
 Em repoufado espirito seguro.

Não soberbo, & por arte contrafeito,
 Mas todo puro, & em fim da natureza,
 Mais para o Ceo, que para a terra feito.

Tambem do corpo a humana gentileza,
 O bem talhado gesto, que mostrava
 Forças iguaes, & manhas com destreza.

A cor, que o fresco rosto matizava
 As rosas, flores novas de alegria,
 Com que o Verão as faces adornava.

Tudo os fios da morte, que desvia
 Dos propósitos nossos, & saltea,
 Corráão cruamente, quando abria.

Deixa pois tu, fermosa Cytherea,
 Do gentil filho, & neto de Cyniras

^{1.ª} O pranto pella morte horrenda, & fca;

E tu dourado Apollo, que suspiras
 Pello crespo Hyacinto, moço charo,
 Por quem a clara luz ao mundo tiras;

Vinde, & chorai hũ moço ao mundo raro,
 Não de ferino dente vulnerado,
 Nem de animal algum, que haja reparo.

Mas sô do fero imigo traspassado,
 Que sem duvida incerta, ou pio medo
 A vida poz nas mãos de Marte irado.

Está tu tambem moço Idalio quedo,
 Deixa de dar o venenoso mel
 A beber pellos olhos triste, & ledô.

Que ja os fermosos olhos de Miguel
 Cubertos saõ do negro & escuro manto
 Da ley geral à todos, mais cruel.

E vòs filhas de Thepsis, que do canto
 Podeis bem mitigar a ley immensa
 Dos irmãos generosos, & alto pranto;

Naõ consintaes que fação larga offensa
 A grande integridade, que se devem,
 Não são agoas do dano recompensa.

Que ja diante os olhos me descrevem,
 Quando as bocas da fama voadora
 Ao patrio, & claro Tejo as novas levem.

A profunda tristeza, que em hum hora
 Tal posse tomarà dos altos peitos,
 Que à razão quasi quasi deite fora.

Alli de dor os coraçõens sogeitos
 Pezadas lhe serãõ consolaçoens,
 E pezados exemplos, & respeitos.

Pequena he certo a dor, que com razoens
 Se pôde refrear, nem com memoria
 De outros antigos, & integros varoens.

Mas porèm se igualaes a vida á gloria
 Meu grande Dom Phelippe, & pretendeis
 Deixar de vossas obras larga historia.



Eu não vos admoesto, que estreiteis
O coração na Estoica disciplina,
Onde livre de effeitos vos mostreis,

Que mal natura nossa determina
Medo, esperanças, dores, & alegria,
Como o Cynico velho nos ensina.

Immanidade estúpida diria
O Sulmonense canto, & vil rudeza
He não sentir effeitos, que a alma cria.

Porém se não sentir nada, he bruteza,
E se paixão de vida se consente,
Tambem o sentir muito he ja fraqueza.

Se doe a opinião do mal presente,
E medo, & opiniaõ do mal futuro,
Saõ em fim tudo opinioens da gente.

O verdadeiro sabio està seguro
De leves alegrias, & de espanto,
De dor, que turba da alma o licor puro.

Inda antes que aconteça o riso, & o pranto
Os tem ja no sentido meditados,
Livre està de alyoroço, & de quebranto.

E como de alta torre vê cuidados
Humanos vaõs, & aquella differença
De ambiçoens, & cobiças, & peccados.

Todo caso acha nelle só presença,
Que como as febres são da carne humana,
Assi os effeitos d'alma são doença.

Se esta doutrina credes, que he profana,
Ponde os olhos na nossa, que he divina,
E sobre todas santa & soberana.

Vereis

Vereis Aram, que não se contamina
Sobre os montes seus, que defendida
A dor lhe foi da santa disciplina.

Não chega a ver parentes, que da vida
Partidos são, que na alma a Deos agrada,
Que nenhũa afflicção do mundo impida.

Nòs fomos geração a Deos dicada
Sacerdotal, que em tempo nenhum deve
Do gentilico culto ser tocada.

Se dos antigos Padres ja se escreve,
Que chorando, aos mortos enterrárão
Com dor, & pranto publico, & não leve;

Era porque inda as portas não quebrárão
Do Ceo sereno aquellas mãos cravadas,
Que os antigos contagios alimparão.

E tambem por ornar as sempre usadas
Pompas do funeral enterramento
Com publicas exequias costumadas.

Esta alta fortaleza, & sofrimento
Como a forte Varão vos he devido,
E como ley do santo documento.

Bem conheço, que o corpo assi perdido,
Que do sepulcro nobre aqui carece
Será de aves, ou feras consumido.

Mas tambem nisto vi que se parece
Co do gram Bifavò, que pella vida
Real a sua às lanças offerece.

Fazendo com seus membros impedida
A passagem aos feros Tingitanos,
Ficou sem sepultura merecida.



E lá nos aposentos soberanos
O recebem da palma coroado,
Desprezando do corpo baixo os danos.

E elle diz, que das gentes enterrado
Qualquer corpo será, mas quem morreo
Por Deos, he sò dos Anjos sepultado.

Que mais rico, & fermoso Mausoleo,
Que pyramides altas, que figura
De mortalha, que chegue a eitar no Ceo!

Facil he a perda aqui da sepultura;
Diogenes prudente, & Theodoro
Pouco sentem do corpo essa jactura.

Assi fermoso, inteiro, assi decoro,
Adora quem o tem, como o tomou
Quando se ouvir o extremo som sonoro.

Mas oh, que temor supito occupou
Vosso peito famoso, ò Portugueses,
Que pavido temor vos lanceou.

Que lançadas, que golpes, que revefes,
Vos fizerão fazer tamanha injuria
Aos Lusitanos bellicos arneses?

Ou ja de Capitão sobeja incuria?
Ou a fraqueza? Não, que elle sustentava
Co seu corpo dos barbaros a furia.

Ou do ferreo cano a força brava
Com estrondos, que atroão mar, & terra,
Que os coraçoes no peito congelava.

Ou quem vos fez que os impetos da guerra
Não sustenteis com valor sempre ousado,
Desprezando o furor, que a vida enterra.

A vida pella patria, & pello estado
 Pondo, vossos Avôs a nos deixarão
 Terras, mares, & exemplo sublimado.

Elles à desprezar nos ensinarão
 Todo o temor, pois como agora os netos
 Subitamente assi degenerarão.

Não podem certo não viver quietos
 Com fea infamia peitos generosos
 Em publicos lugares, nem secretos.

Mortos os Espartanos valerosos,
 Da fera multidão fazendo estremos
 Taes epitaphios tinham gloriosos.

Dirás hospede tu, que aqui jazemos
 Passados do inimigo fezo, em quanto
 A's santas leys da patria obedecemos.

Fugindo os Persas vão com frio espanto,
 Mas achão as mulheres no caminho
 Amostrandolhe o ventre sem ter manto,
 Pois fugis do perigo, que he visinho,
 Fracos, vinde esconder vos (lhe dizião)
 Outra vez no materno escuro ninho.

Vedes quaes com mais gloria ficarião
 Se aquelles que em fim morré peilo Estado,
 Se os outros, que as mulheres injurião?

Mas tu claro Miguel, que ja acordado
 Deste sonho tao breve estás naquella
 Torre do Ceo seguro, & repousado;

Onde com Deos unida a forte, & bella
 Alma, com teus mayores reluzindo,
 Por cada chaga tens hua clara estrella.

Os pes o cristalino Ceo medindo,
 Pizando essas luciferas Esferas,
 Ja da terrena os olhos encobrin-do.

Agora hum curso, & outro consideras;
 Agora a vaidade dos mortais,
 Que tu tambem passáras, se viveras:
 Mais a pena cantára, a poder mais.

ELEGIA VII.

*A MORTE DE DOM TELLO,
 que matarão na India: achouse em hum
 manuscrito do Arcebispo Dom Rodrigo
 da Cunha, feito no anno de 1568.*

SAYAõ desta alma triste & magoada
 Palavras magoadas de tristeza,
 E seja ao mundo a causa declarada.

Saya do peito a voz, com que a graveza
 Sogiga, doma, & as gentes move tanto,
 Por mais & mais que tenhaõ de dureza.

E vòs meus olhos tristes entre tanto
 Em lagrimas esta alma derretida
 Choraí, que amargo choro he o meu canto.

Quanto de mim a causa foi sentida,
 Seja de vòs chorada, & juntamente
 Choremos hũa morte, & hũa vida.

A bondade choremos innocente,
 Cortada em flor, que pella acerba morte
 Nos foi arrebatada dentre a gente.

E aquella immensa dor, & dura sorte
Da magoadã mãy, cuja alma triste
Tambem cortada foi com agudo corte.

O' espirito gentil, que ao Ceo subiste,
Porque engeitaste a minha companhia,
E acompanharte eu não consentiste.

Este he o canto heroico, & de alegria,
Que eu ja em teu louvor aparelhava,
Como o tornou a morte em Elegia?

Esta he a esperança, que nos dava
De ti, tua terra & alegre mocidade,
De quem tão grandes cousas se esperava?

O Hymineo, que em maes perfeita idade
Com honras mil te andava aparelhando
A mãy, de quem não ouveste piedade:

Que agora, como Hecuba, anda bramando,
Buscando em vam a casa em toda a parte
Amado Filho meu, por ti bradando?

Quem me vedou os olhos teus ferrarte,
Que em tam amarga, & triste despedida
Pudera esta alma minha acompanharte?

Quem te privou da chara, & doce vida,
Meu Filho tão fermoso & mal logrado,
Dous coraçoes passou hũa sô ferida.

Em terra de desterro, ay filho amado,
Deixandome sem ti desemparrada,
Quizeste ser de estranhos sepultado.

Se hias para fazer tão grão jornada,
Não levarás em tua companhia
Esta misera mãy desconsolada?

Quia que algum soccorro te seria,
Que vendo vir a espada em alto erguida,
Filho, com hum grito meu te avisaria.

Ou recebêra o golpe nesta vida,
Metendome no meio, & tu viveras,
Fartara de meu sangue esse homicida.

Ay filho, meu amor, que tu sò eras
Quem com tua vida alegre algum descanso
A meu viver cançado dar puderas.

E tu seràs tambem quem manço a manço
Me acabaràs a vida, que eu queria
Sem ti ver acabada de hum sò lanço.

E vòs tambem mulheres, que paristes
Ajudaime á chorar, por que em mal tanto
Não satisfazem só meus olhos tristes.

Assi com grave dor de canto a canto
Até nos coraçoes de môr dureza
Soa húa yoz confusa, hum amargo pranto.

O tu, honra, & primor da natureza,
Illustre, & fermosissima Maria,
Não trates mal, senhora, tal belleza.

Pois só custodia es, donde alegria
Defunta, & tal chorada em dia amargo
Resurgirá em outro alegre dia.

Que a ti deu o movedor do mundo o cargo
De alegrares a mãy chorosa, & triste,
Que alegre vivirá por tempo largo.

Posto que a dor do irmão muito sentiste
Não destruas as lindas tranças bellas,
Pois o remedio nisso não consiste.

Não trates mal as nitidas estrellas
 Dos olhos teus com lagrimas ardentes,
 Pois tem mais resplendor que todas ellas.

Não offendas as faces resfulgentes,
 Obra de Deos, com mão despiedosa,
 Da patria honra, se louvor das gentes.

Mas vai com doce voz, branda, & amorosa
 Confola a triste mãy desconsolada
 Com tua vista alegre, & taõ fermosa.

Prometelhe, que em si resuscitada
 Verá sua alegria ja perdida,
 De todos tam sentida, & tam chorada.

Pois teu remedio está só em sua vida,
 Que haja de ti materna piedade,
 Não dê tanto lugar á dor crecida.

Bem se permite á fraca humanidade
 Por filho tal, & tanto tempo ausente
 Hum moderado pranto, huma faudade.

Mas taõ continua dor, que espante a gente,
 E poem em tal estremo a vida amada,
 Nem o múdo o quer, né Deos não o consente.

Não foi a morte de Heitor sempre chorada
 Da triste mãy, que além de filho amado,
 Era por elle só Troya amparada.

Mas ja despois de morro, & arrastado
 Com Grego applauso, vozes, & alarido,
 O corpo houve às mãos desconjuntado.

Perdida a cor, o collo recaido,
 Não parecia Heitor, que dantes era,
 De pô, de sangue, & de fuor tingido.

Com seus olhos lavoulhe a chaga fera,
Cóm suas mãos o rosto lhe alimpava
Sem alma, & sangue, ja de cor de cera.

Mas vendo em fim quão pouco aproveitava
Seu choro, & né por mais q em vão bradando
Chamava Heitor, Heitor refuscitava.

De lagrimas os olhos enxugando,
Defenganada ja do Filho amado
Se foi com a amada filha consolando.

Nem sempre o fero Achilles foi chorado
Dè Thetis sua mãy, do branco coro,
Príncipe Grego tão assinalado.

Tambem pagou à morte o antigo foro,
E à Deosa não valeo ser prevenida,
Nem suspiros valêraõ, nem seu choro.

Tambem a este acabou mortal ferida,
Sendo meio immortal, & filho amado
De Deosa de Nerco tão querida.

Nas agoas de Acheronte foi banhado,
Porque em batalhas, como o fero Marte,
Do ferro não pudeffe ser cortado.

Mas a agoa não chegou àquella parte,
Que esquadrinhou a setta aguda, & forte,
Que contra ella não val engenho, & arte.

Choráraõ as Gregas gentes sua morte,
Os Phocas, & Delphins tambem choráraõ,
Chorou do gram Nereo toda a corte.

Tantas lagrimas tristes derramáraõ,
Tanto chorou a mãy, que muito o amava,
Que o Xanto, & o Simois acrescetaráraõ.

Mas vendo que o chorar não aproveitava,
E que era dor perdida, & defatino,
Os seus fermosos olhos alimpava.

E com alegre rosto de ar benino
O Ceo, a Terra, o Mar, tudo alegrando,
E os cidadãos do Reyno cristalino.

Os seus verdes cabellos espalhando
Ao vento, de mil Ninfas rodeada,
Tomando a vista atraz de quando é quando:

De Paullipe, & Oricia acompanhada,
De Doris, Menalipe, & de Melanto,
Se foi para Nereo consolada.

Deixai pois ja, senhora, o amargo pranto,
A pena, a dor, o mal que tanto crece,
E dai lugar ao meu inculto canto.

Com graõ difficuldade se offerece
A grandes desventuras; taes como esta:
A darlhe iguaes palavras, quaes merece.

Por tanto eu senhora, agora nesta
Não as hei de buscar por consolarte,
Que aos tristes consolar só a razão presta.

Tambem serão perdidas nesta parte
Consolaçoens, que em choro de amargura
Força não tem, por mais que tenham d'arte.

Se as lagrimas não vence a razão pura,
Fortuna sempre a outras acrescenta,
Guardete Deos de mór desventura.

Não digo, que a alma esté de maço a izenta,
Porque humano he sentir, mas he fraqueza,
Não soffrer o que Deos nos apresenta.

Não he este mundo a nossa natureza;
Estrada si, por onde caminhamos,
Pretendendo chegar á Summa Alteza.

Neste caminho hum passo estreito achamos,
Morte se chama horrenda, & defabrida,
Divida, que Adam fez, & nós pagamos.

A todos he commum esta partida,
Quem morre, não morreo, partio primeiro,
E o que ha depois da morte he eterna vida.

Todo animal que nasce está foreiro
A passar este passo estreito tanto,
Todos lá havemos de ir por derradeiro.

Deixa, senhora, deixa o amargo pranto,
Teu filho está no Ceo resplandecente,
Ja entre os Cidaões de Coro santo,

Nossas memorias tristes não as sente,
Ja livre, & de theatro está olhando
Com olhos immortaes a immortal gente.

Da visãõ beatifica gozando,
Sem medo, ou sobrefalto de perdella
O mundo, & seus afagos desprezando.

Dalli contépla de huma, & de outra estrella,
Ou fixa, & errante, o curso, & movimento,
Tendo, sem se mover, os pés sobre ella.

Veloz, qual o ligeiro pensamento,
Passa de polo a polo, & o Ceo conhece
Que seu caminho faz com passo lento.

E porque o mar continuo mingoa, & crece,
Comprende, & a quinta essencia pura, & neta,
E com que luz a Lua resplandece.

Nem nos espanta no ar qualquer cometa,
Os pontos sabe de hum, & de outro signo,
Por onde faz seu curso o grao Planeta.

Hum Anjo novo tens, fante, & benino,
Vive senhora alegre, & consolada,
Que por ti roga ao Padre de continuo.

O' alma pura em alto aleyantada,
Que là estás nesse Ceo luzente, & claro,
Desta mortal pritaõ ja desatada.

O' senhor meu Dom Telo, amigo charo
Que do terreno Sol, onde viveste
Te arrebatou sem tempo o tempo avaro.

Se ao passar de Lethe não perdeste
A memoria de mim, que tanto te amo,
E por intimo amigo me tiveste,

Com attençaõ escuta o meu reclamo,
Não desprezes de ouvir là dessa altura
A baixa & rouca voz, com que te chamo.

Que quando concedido da ventura
Me for o que eu por ti agora peço,
Não borrarã o teu nome a fama escura.

Em tanto as baixas Rimas te offereço
Em penhor da vontade, & amor profundo,
Atè cumprir o que hora aqui profereço.

Que entaõ te cantarã por todo o mundo,
Com linguas mil a fama soberana,
E occupará teu nome sem segundo
Do patrio Tejo alem da Taprobana.



ELEGIA VIII.

A HUMA DAMA.

Não me julgueis, senhora a atrevimento
 O que me faz fazer hum mal tão forte,
 Que não me basta nelle o sofrimento.

Que tal me traz ja agora minha sorte,
 Que me faz buscar vossa crueldade,
 Donde sô por remedio espero a morte.

Não vos pude callar esta verdade,
 Porque força não tem poder humano
 Contra outro, que não tem humanidade.

Amor, que tudo faz para môr dano
 Me deu mal, levoume o sofrimento,
 Ah duro Amor, cruel, & deshumano!

Não vos lembre, senhora, meu tormento
 Que este bem o merece a ousadia
 De eu empregar em vós meu pensamento.

Lembrovos hum amor, que cada dia
 Em mim tão verdadeiro, & firme crece,
 Que alheo me traz ja do que sohia.

Não peço que o pagueis, como merece,
 Que não mereço eu tanto, mas sô peço,
 Que por mim não cuideis que desmerece.

Porque se sô pôr si he de tal preço,
 Que a suprir basta seu merecimento
 Quanto eu de minha parte desmereço.

Bem vejo que em tomar o sofrimento
 Para viver, melhor remedio fora,
 Que hum tão desordenado atrevimento.

Mas

Mas eu , que do viver menos , ja agora
 Que de todo a livro , pois crescendo
 Vão com a vida os males cada hora ,
 Vos quiz manifestar meu mal , sabendo
 A' quanta desventura se aventura ,
 Quem pretende fazer o que eu pretendo.

Quizeffe , ô oxalâ , minha ventura ,
 Que castigasseis vòs esta ousadia
 Com hũa cruel morte triste , & dura.

Que não seria morte , mas seria
 Hum suave remedio doce , & brando
 Deste mal , que me mata cada dia.

Atè quando , senhora , & atè quando
 Terà lugar em vòs vossa crueza ,
 E a morte não em mim , q' a estou chamando?

Abrande meu amor vossa dureza ,
 Que esta alma em si transforma com tal cura ,
 Que ja não he amor , mas natureza.

Abrande ja huma vida , em que sò dura
 A alma , porque veja , & exprimente ,
 Que não tem fim a graõ desaventura.

Abrande ja huma dor , que juntamente
 A vida penetrou , & a alma triste ,
 Elhe roubou o estado seu contente.

Mostrai vos poderosa em quem resiste
 Em desobedecer , ou enojarvos ,
 E não ja contra quem vos não resiste.

Em quem cuidar que digno foi de amarvos ,
 Mostraí vosso poder , pois o metece ,
 Em mim não , q' o não sou taõ sò de olharyos.

Attentai por huma alma , que se esquece
De si , porque em vòs poz sua lembrança ,
E tal , que em nenhum tempo desfallece.

Nem fospeito que possa aver mudança ,
Num coração , que mais que a si vos ama ,
Dailhe ja morte , ou vida , ou esperança ,
Que tudo ferà gloria por tal dama.

*TRADUCCAM dos Versos Propheticos
da Sibilla Erithrea , que refere Santo
Agostinho l. 18. c. 23. da Cidade de Deos ,
nos quaes pellas primeiras letras se lem
JESU CHRISTO FILHO DE DEOS .
E SALVADOR.*

JUIZ o extremo , horrifico , & tremendo ,
E Juiz sempiterno , alto , & celeste
Significarà a terra humedecendo.

Verseha nella hum suor , que manifeste
Como em carne virà Deos , a quem veja
Ho credulo , & incredulo terrestre.

Rey justo , que almas , & que corpos reja
Juiz ferà , quando este mundo inculto
Sobre espinhos crueis deitado seja.

Todo o vão simulacro , & rico culto
Ousará engeitar a gente , & guerra
Farà co mar o fogo , & cru tumulto.

Immensa a luz , que as carnes desenterra ;
Lançarà fóra as portas vâas do Averno ,
Hos justos seus levando à santa terra.

Outros que saõ os maos , no fogo eterno
Deitarã , descobrindo se os segredos ,
E sendo claro todo o feito interno.

Desfar-se-ha a terra, os montes, & os penedos,
E serã tudo pranto , & estridor duro ,
Obras de grande dor , & tristes medos.

Serã tornado o Sol de todo escuro ,
E destruida a machina do mundo ,
Sem luz a Lua , Estrellas , & Orbe puro.

Altos seraõ os valles , & em profundo
Lugar se abaixarãõ os altos montes ,
Ver-se-ha no mar o vento furibundo.

Haverã sò de fogo-vivas fontes :
Da trombeta medrosa o som terrivel
Ouvido farã pãlidas as fronteas ,
Responderã dos maos gemido horrivel.

ELEGIA IX.

Nãõ porque de algum bẽ tenha esperança
Vos escrevo meu mal em tal estado ,
Que sei , que em vòs farã pouca mudança.

Mas ja perdido , triste , & magoado
Para remedio tomo escrever dores ,
Esperar de vòs outro he escusado.

O que não faz amor em meus amores ,
O que lagrimas tristes não fizeraõ ,
Bem menos o faraõ causas menores.

Pois onde as mais tẽgora se perdẽrãõ ,
Percãose estas palavras de meu ser ,
Que pouco me doem ja , ja me doeraõ.

H h ij

Sempre deste meu mal tive sospoita,
 Não que de todo em todo me faltasse
 Hũa esperança vã em fim desfeita.

Faziame o desejo que esperasse,
 A razão d'outra parte, que temesse,
 E de esperanças vãs não confiasse.

Que olhasse, que por ellas não perdesse
 A doce liberdade, o riso, o canto,
 De que depois em vão me arrependesse.

Amor, que tudo pôde, pode tanto,
 Que para ver o mal em que me vejo,
 Me não deu olhos mais que para pranto.

Não curei a razão, segui o desejo,
 Outras cousas segui, de qualidade,
 Que choro, & callo, por não ser sobejo.

Pella vossa neguei minha vontade,
 Logo como vos vi, no mesmo ponto
 Vos entregou a vida a liberdade.

O que passou depois, não vo lo conto,
 De que serve contar cousas sobejas,
 A quem lhe soube dar hum tal desconto.

Ah esperanças minhas, ja perdidas,
 Agora, para mais ter que contar,
 Soube que fostes vãs, fostes fingidas.

Em que posso, ou que devo hoje esperar,
 Onde acharei de novo outros enganos,
 Que possão defenganos enganar.

Mas he vento cuidar enganar danos,
 O' triste, que nem na alma tem alento,
 Tem seu remedio sô no fim dos annos?

Ja não espero ver contentamento ,
Perdi quanto esperei numa sô hora ,
E não perdi em muitas o tormento .

E sobre tantas perdas , inda agora ,
Que esperava de vós a vós queixarme ,
Não mo consente Amor , que na alma mora .

Poemse diante , a fim sô de estorvarme ,
Que vos offenderei , mostrando aqui
Que tanta fê pagaes com maltratarime .

E então este temor deixame assi ,
Alem de magoado , frio , & mudo ,
Rependido de quanto escrevi .

Coufas de vosso gosto ainda cudo ,
Como se não cuidasse , o que não creio ,
Não perder isto , como perdi tudo .

Mas vasse o medo ja , pois que ja veo
O defengano , sem se ter sabida ,
Que a certeza podia ter receo .

Agora não me dà perder a vida ,
Nem a deve recear quem a despreza ,
Mataime , se de mim sois offendida .

Senão mateme ja minha tristeza ,
Que este sô bem me fica , este me val ,
Se mo não estorvar vossa cruexa .

Quem se não espantará , vendome tal ?
Temer , que o triste fim , que me ordenastes ,
Mo negueis por remedio de meu mal .

Entre silvestres feras vos criastes ,
Pois dais por galardão do que esperava
Cruexas desusadas do que usastes .

H h iij



Quantas lagrimas triste derramava,
 Quantos suspiros dava noite, & dia,
 Se vos não via, & em quanto vos olhava.

Tremia diante vos, ausente ardia,
 Abrandava este mal ter para mim,
 Que sentia meu fogo essa alma fria.

Mas muito diferente foi o fim
 De tudo o que cuidava no começo,
 Por onde de hum mal n'outro, a tantos vim.

Vida para tal vida não vos peço,
 Morte para tal morte qual me mata
 Me podéis dar, que bem vo lo mereço.

Porque com a dor a lingua se desfata,
 E com gritos vos chama, & com razão
 Sem fê, defamavel, cruel, ingrata.

Por isso acabei ja vossa tenção,
 Fartai, senhora, ja vossas cruezas
 No sangue deste triste coração.

Acabei de acabar tantas tristezas,
 Pois acabastes ja vâas esperanças,
 Acabem ja tambem minhas firmezas.

Acabe a vida, acabarão lembranças,
 Mas tudo está por vós taõ acabado,
 Como muitas em mim as confianças,
 Que tanto me trouxerão enganado.

E L E G I A X.

Foime alegre o viver, já me he pezado,
 Que do contentamento que sentia
 A' minha custa estou desenganado.

Ao r'gaço da morte a dor me guia,
 Porém, porque com vida mais me mata,
 Dilatandoma vai de dia em dia.

Mandame amor fugir da morte ingrata,
 (Pois não sofre limite em vós amor)
 Que elle os laços ordena, elle os desfata.

Lancei contentamentos a voar,
 Tarde os espero ver, que he seu costume
 Ter azas ao fugir, freyo ao tornar.

O pensamento posto em alto cume,
 Para sacrificar-se à vossa vista,
 No coração me guarda eterno lume.

Com o pensamento os olhos tem conquista,
 Pois sempre em vós está, porque os não leva,
 Que elle muro não tem, que lhe resista.

Ainda que minha alma em vós se enleva,
 Em todo tempo não deixa de arder,
 Quando o móte arde é calma, ou quando neva.

Vivei cuidados em quanto eu viver,
 Ou porque em sombras vossas sempre viva,
 Ou porque me appresseis para morrer.

Vontade minha, sempre sois cativa,
 Meu pensamento, nunca sois mudado,
 Flamma de amor, fereis sempre em mi viva.

Suave cativoiro, doce estado,
 Brando fogo de amor, que em vós guardaes
 A fim de meu desejo retratado.

Nunca nesta alma a minha, aonde estaes,
 Falteis, porque então falta a esperança,
 Sem quem me falta a vida muito maes.

Senhora , em cujo peito odio & mudança
Lanção fora o Amor , & sua firmeza ,
Que daes esquecimento por lembrança.

Armada dos espinhos da crueza ,
Trazeis por apparencias a brandura
No rosto , a qual o peito pouco preza.

Mostroume hum leve bem minha ventuta,
Paguey o logo com longo tormento ,
Que o gosto foge sempre , & a pena dura.

A tanta dor hum leve sentimento
Nunca em vós pude ver , quãto em vão digo,
Mais mudavel que o vento o dais ao vento.

No principio meu Fado me foi amigo ,
Naveguei pello mar deste desejo ,
Que leva de hum perigo a outro perigo.

Em vós he pouco o amor , em mim sobejo,
Cresce em mim, falta em vós, & de maneira,
Que de quanto em vós vi , ja nada vejo.

Mostroufeme o tormento na primeira
Com rosto alegre , para que o seguisse ,
E lanceime ao seguir nesta cegueira.

Fortuna , porque quiz que eu o sentisse ,
Mostrase , por mostrar qual dentro era ,
Eu choro meu engano , & ella risse.

Quem em contentamentos vãos espera ,
Espere cedo de defenganarse ,
Que tem breves limites sua espera.

Porèm quem ha , que mais queira livratse
De tão doce prisão , ou quem deseje
Dos nós desses cabellos desatarse ?

Os olhos, a quem as luzes tem inveja
 Que em vòs o Amor de amor tédes vécido,
 Quem ha que vos não ame, & vos não veja?

Rosto fermoso, em quem está esculpido
 O mór bem, que se póde ver na terra,
 Quem ha, não queira ser por vòs perdido?

Olhai, senhora, as horas apressadas,
 Que vem cobrindo o ouro dos cabellos
 De neve, & torna as rosas descóradas.

Ireis ver ao cristal os olhos bellos,
 E ja os não vereis quaes dantes eraõ,
 Pois quaes entãõ seraõ, não queiraes vellos.

Usai dos bens, que vaõ como nasceraõ,
 Olhai, que tudo desce de alto estado,
 Que tambem os prazeres meus deceram,
 Mas não descerá nunca meu cuidado.

N E L E G I A X I.

N U N C A hum appetite mostra o dano
 Antes de ser de todo effituado,
 Mas no fim vem mostrar o desengano.

Dureza a causa, & eu desesperado,
 Pello que imaginou o pensamento,
 Ando por esta serra desterrado.

Espalhando a voz ao leve vento,
 Delle sò consolado, delle ouvido,
 O faço sabedor de meu tormento.

Que monte ha, que não tenha ja movido,
 Que aspera montanha, ou roca dura,
 A força de meu mal não merecido.

Nas duras pedras achafe brandura,
 Falta nesse cruel humano peiro,
 Quem vio nunca mayor defaventura!

Pouco pôde em ti amor perfeito,
 Quando de hum movimento vive indigno;
 Que ja mais se negou a hum fogeito.

Da ventura, de vós, de meu destino,
 Pois todos contra mim são conjurados,
 Este yalle farei de meu mal digno.

Co elle a noite, & o dia meus cuidados
 Passarei em acerba & longa vida
 Em queixas, & em suspiros defufados.

Porque sei que serás disso servida,
 Não deixarei dos montes a dureza.
 Até tua vontade ser movida.

Aqui me sobirei na môr alteza
 Da ferra, onde logo contemplada
 Será tua perfeição, tua crueza.

A alma em ti sô prompta, & ocupada
 Estando de tormento esquivo, & duro,
 Oprimida será de ti levada.

Discorrendo hum passo, & outro escuro,
 De mal em mal, de hum em outro dano,
 A paga tal verá de hum Amor puro.

E vendo aqui tão claro o defengano,
 Cos olhos feitos fontes mudará
 Lugar tão infelice, & deshumano.

E o que môr tormento lhe dará
 A lembrança de algum contentamento,
 Que inda que pequeno, magoará.

Fará por divertir o pensamento
 Desta parte tristíssima mudando
 Húa lembrança chea de tormento.

Alli algum espaço porfiando,
 Tendo por impossivel esquecerte,
 Ficarà ao vento vozes dando.

Alli se queixará de conhecerte,
 Alli dura, cruel, despiadosa
 Dirá: Dize, que podes ja moverte.

Mais que Venus (dirá) dize, fermosa,
 Quando nessa belleza pura, & rara
 Se verá húa hora piedosa.

Alli dirá, cruel, & quem cuidara
 De hum espirito taõ resplandecente
 Tão fera condição, & taõ avara.

Alli viverá triste, alli ausente,
 O costumado mal por si sofrendo,
 De o queres tu tanto contente,
 Como o mundo está ja conhecendo.

ELEGIA XII.

LA sierra fatigando de contino
 Los passos varagofos vov moviendo,
 Perdiendo de la vida todo el tino.

De mis suspiros tristes no pudiendo
 El alma apartar, y el pensamiento
 De aquella por quien yo estoy muriendo:

Que aunque la ausencia es grave tormento,
 Que te olvide en ello es imposible,
 Que con amor no puede apartamiento,



Veote con spirito invisible
 En el muy vivo tengo aquel meneo
 Tan fiero para mi, y tan terrible.

Todo lo más alegre triste veo,
 El fresco valle, el monte, la espesura,
 La clara fuente encja aun el deseo.

El dia se me buelve en noche escura,
 No puede amanecer de dó ausente
 Tus claros ojos son, de tu hermosura.

Permite ya, señora, que presente,
 Do quiera que tu luz es detenida
 Sean el alma, y vida juntamente.

En tu servicio alli prompta la vida
 Pornè en alma sola en contemplarte,
 Aunque me seas siempre endurecida.

El mal que hazes dulce en toda parte,
 Sabroso es el tormento, yo lo quiero,
 Pues es tu voluntad no ablandar te.

Que quando una hora venga, q̄ no espero,
 Piedosa, y blanda más que las passadas,
 Y me quieras oir, viendo que muero.

Las tristes no seran de mi dexadas,
 Que no sabrè vivir sin el estado
 De penas, tanto tiempo ya provadas.

Hablo como furioso, y transportado,
 Pido lo que me es más enojoso,
 Holgando de me ver tan olvidado.

Quien fatigado es, no dá reposo,
 Que sufras con paciencia te conviene,
 Las queexas del, que a si se es odioso.

Al tiempo que bolando ya más viene
 Mis desusadas bozes encomienda,
 Que así la triste boz en ti detiene.

La fuerça del dolor ninguna emienda
 Puede tomar em mi, que satisfaga
 Lo menos que la quexa em mi te ofienda.

Incurable parece una llaga,
 Y lo es, que reciba de tu mano,
 No quiera Amor, que yo jamás deshaga
 Su voluntad en esto, que es en vano.

ELEGIA XIII.

DE peña en peña muevo las passadas,
 La tristissima boz al ayre dando
 Voy cantando mis quexas desusadas:

Incierto en el camino, que pisando
 De un monte esquivo, al otro me encamina,
 En medio dél estoy en ti pensando,

O' rigoroso passo, y quan indigna
 El alma veo aqui de sola una hora
 Poder en ti pensar cosa tan digna.

Si el alma aun no es merecedora
 Purissima, y perfecta, y que me puede
 De esperanza quedar en ti, señora?

Mas que puedo querer, Fortuna rueda,
 Llevandome de un triste en otro estado,
 Y si es tu voluntad un bien no quede.

En mi no vive ya, es transformado
 En ti, el triste espirito, que tenia
 De ti sola se quiere ver mirado.



Que aunque en fatigas paffe noche, y dia
De tu mano se viesse, ó en passo estrecho
La firme voluntad no mudaria.

Y si por realeza un blando pecho,
Que tanto tiempo fue endurecido
Quisiese ya mostrar un nuevo hecho.

Adó me llegaria aquel sonido
De tu nueva mudança, y mi ventura,
Al eco, al yalle, al monte empedernido.

Dó no se cantaria tu blandura,
En que region estraña, ó nueva parte
Quedara por loar a tu hermosura.

Quien no pusiera estudio, ingenio, y arte,
Y quando todo nõ, mucho dixiera,
Mostrando que cupiera en ti ablandarte.

Que roble, que leon, que tigre huviera,
Que aspera montaña intratada,
Que mis mudadas voces no oyera.

Mas no quiere Amor, que la usada
Quea, en estas sierras esparzida
De tanto tiempo ya sea dexada.

Ni tu querrás que yo dexé la vida,
Para me dar tormento aun más fiero,
Ni con tan luenga usança interrumpida.

Cada hora más aspera te espero,
Que vengas pido, el mal sea más duro,
Que el que puedo sufrir, ya no lo quiero.

Pruevase este amor perfecto, y puro
En fatigas mayores, en crueza,
Quanto fuere mayor, es más seguro.

Excedes en las fieras en dureza,
Quando se ha visto, en esta pura y rara
Gracia, del duro monte la aspereza.

De los bienes que puedes dar avara,
Al que puedes dar vida, y por ti pena,
Pues niegas lo que el mundo no pensara,
Haze en tu voluntad, como ella ordena.

ELEGIA XIV.

AO ILLUSTRE SENHOR
PEDRO DA SYLVA.

ILLUSTRE & nobre Sylva, descendido
Do gram filho de Anchifes valeroso,
Por armas, & por sangue esclarecido.

Que como forte, oufado, & piedoso
A's costas salvou o pay de longos annos
E o filho pella maõ tento & mimoso.

E os Penates, que tinhaõ os Troyanos,
Tirou no mór conflicto da Cidade,
Em que Gregos fizeraõ tantos danos.

Crescendo foi de húa em outra idade
Esta illustre progenie generosa
Em virtude, valor, honra, & bondade.

Atè chegar à nossa tam ditosa,
Pois nelle o Ceo a ti Sylva nos deu,
Que a fazes com tuas obras mais fermosa.

Aonde o inclito Rey de motu seu,
Movido pello spirito, que o guia
A mayores proezas, que a Theseo.

Pellas partes , que em ti ja conhecia ,
 Ou decreto de cima te escolheo
 Por começo do fim que pretendia.

De Capitaó de Tanger te proveo
 Em tempo que o Maluco affaz valente
 O grande Imperio de Africa venceo.

E sendo esta eleição do Rey valente ,
 Da cega inveja foste mormurado ,
 Porque ninguem escapou ao maldizente.

Naó te negáraó seres esforçado ,
 Mas diziaó , que á guerra em tal idade
 Servia Capitaó exprimentado.

E que em tempo de tal necessidade
 Convinha velho amparo , & forte escudo,
 Em quem naó possa haver temeridade.

Mas bem ao contrario se vio tudo ,
 Pois prudencia , & esforço juntamente
 Em ti exprimentou o Mouro rudo.

Quando com gram conselho, & pouca gente
 Atravessaste os campos Africanos ,
 Como gram Capitaó , velho , valente.

E foste a parte , onde os Mauritanos
 Naó tinhaó visto lança de Christaóes
 Havia longos tempos , longos annos.

Tomaste descuidado hum Capitaó
 No tempo , & assi na guerra exprimentado ,
 Em quem se confiava Tetuaó.

Alafe , irmaó de Alafe , nomeado ,
 Que naó só o seu campo defendia ,
 Mas entrava no nosso confiado.

Este, que toda a grande Berberia
Tinha, por mui prudente, & animoso,
Agora o tens na tua estrebria.

Que pôde aqui dizer pois o invejoso,
Onde taõ claro vé, que nessa idade
Supre o nobre fangue generoso.

Naõ te dira, que foi temeridade
Para feito como este tam valente,
Com ter seguro o campo, & a cidade.

Nem te pôde negar seres prudente,
Pois tempo, & conjunção foste escolher
Em que não arriscaste a tua gente.

Mas assi te soubeste recolher
Com gram despojo feito, denso dano,
Sem hum dos que levasse se perder.

O' felice Varaõ, Sylva Troyano,
Quem te pôde louvar, como venceste,
Pois no dia menor, que tinha o anno
O mayor feito em Africa fizeste.

